



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O P. COMUNISTA PORTUGUÊS É A NAÇÃO

A REACÇÃO MUNDIAL LEVANTA O «ESPANTALHO COMUNISTA»

A história dos povos tem a registar mais uma intensa e descarada campanha anticomunista, riosamente desenvolvida e chefiada pelo Império norte-americano, da qual a reacção mundial se faz eco.

Uma tal campanha quando a emporra se consolida e descombra-se os países da Nova Democracia e o socialismo triunfa na grande União Soviética e quando os países capitalistas se vêm a braços com uma tremenda crise, não pode ter um objectivo e empenhamento da Democracia e dos seus mais fiéis defensores, os partidos comunistas e outras forças democráticas.

Nos comunistas, não ignoramos o que se pretende com tal campanha. O passado é muito rico em ensinamentos, no que se refere a campanhas de tal natureza. Relembramos, pois, alguns factos muito elucidativos.

Foi em nome do «anticomunismo» que os fascistas de Franco abriram as portas da Espanha aos nazis hitlerianos e aos fascistas de Mussolini para esmagar a República espanhola.

Foi também em nome do «anticomunismo» e da «ordem» que o nazismo alemão, o fascismo italiano e o imperialismo japonês, lançaram os seus povos contra outros povos amantes da paz numa guerra devastadora e assassina.

Foi ainda em nome do «anticomunismo» que os traidores, Petain e Laval, entregaram a França a Hitler e nazifuram dezenas de milhares de patriotas pelo crime de serem comunistas ou de se ligarem contra a política de tração de Vichy.

E foi ainda em nome do «anticomunismo» e da «ordem» que os Quisling entregaram os seus países às hordas nazifascistas.

E, à luz da experiência do passado, o que vemos nós?

Que os fascistas de vários países, sobreviventes à guerra de um acanhado se sair, de mãos dadas com o imperialismo anglo-americano lançam de novo uma campanha anticomunista.

E assim que invocando o «anticomunismo» os fascistas da Grécia com o forte auxílio do imperialismo anglo-americano conduzem o povo grego a uma guerra civil, a uma guerra entre a reacção e a Democracia.

E também invocando o «anticomunismo» que a reacção de vários países, com o apoio da grande reacção anglo-americana, tentam liquidar a Democracia nesses países, conquistada com o sangue de patriotas, dos verdadeiros filhos desses povos. Tais casos são da Hungria, Romênia, Bulgária e Polónia em que a vigilância dos comunistas e das outras forças democráticas fez abortir os golpes preparados pela reacção.

E ainda invocando o «anticomunismo» que o imperialismo norte-americano com o fito de dominar política e economicamente várias nações da Europa, e num acto de «filantropia», se apressa a auxiliar essas nações com planos Marshall e com «recursos» e ofertas de milhões de dólares. Tais os casos da França, da Itália e da Áustria, além das outras nações aderentes ao plano Marshall.

Que as últimas greves dos Estaleiros Navais de Lisboa, e as grandiosas manifestações da Juventude, lutas que tiveram lugar em Abril passado, eram «instigadas por Moscovo» e obedeciam a um «plano de agitação comunista».

Também o órgão da chamada União Nacional, e outra imprensa reacçãoária vêm diariamente caluniando as forças democráticas, acusando tudo e todos de comunistas.

Que visa tão absurda campanha do salazarismo?

Visa, em primeiro lugar, servir os interesses do imperialismo anglo-americano, o principal estorvo da sua conservação no poder e preparar a sua entrada na ONU.

Visa, em segundo lugar, dividir as forças democráticas, isolando os comunistas da Unidade Nacional, aliando com intencionalidade, perseguições e terror os ingenuos, os vacilantes e os traidores.

Mas a dura realidade é que os salazaristas são os defensores não do povo e da Pátria, mas dos imperialistas sem pátria, das minorias parasitárias, onde os lucros mandam mais que a felicidade do povo e o progresso do país.

A dura realidade é que, em nome do «anticomunismo» e da «ordem», o salazarismo lança o país na opressão e na miséria, na ruína nacional.

to que as últimas greves dos Estaleiros Navais de Lisboa, e as grandiosas manifestações da Juventude, lutas que tiveram lugar em Abril passado, eram «instigadas por Moscovo» e obedeciam a um «plano de agitação comunista».

Também o órgão da chamada União Nacional, e outra imprensa reacçãoária vêm diariamente caluniando as forças democráticas, acusando tudo e todos de comunistas.

Que visa tão absurda campanha do salazarismo?

Visa, em primeiro lugar, servir os interesses do imperialismo anglo-americano, o principal estorvo da sua conservação no poder e preparar a sua entrada na ONU.

Visa, em segundo lugar, dividir as forças democráticas, isolando os comunistas da Unidade Nacional, aliando com intencionalidade, perseguições e terror os ingenuos, os vacilantes e os traidores.

Mas a dura realidade é que os salazaristas são os defensores não do povo e da Pátria, mas dos imperialistas sem pátria, das minorias parasitárias, onde os lucros mandam mais que a felicidade do povo e o progresso do país.

A dura realidade é que, em nome do «anticomunismo» e da «ordem», o salazarismo lança o país na opressão e na miséria, na ruína nacional.

O SALAZARISMO ASSOCIA-SE AO CORO «ANTICOMUNISTA»

Inspirado pela reacção mundial, o governo fascista de Salazar associa-se ao coro «anticomunista», intensificando a campanha contra a União Soviética e reforçando a repressão policial contra o Partido Comunista e outras forças amantes da Democracia.

Assim, o fascismo salazarista, incapaz de resolver os mais urgentes problemas nacionais, económicos e políticos, pretende fazer crer aos ingenuos e ao estrangei-

O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS, E A NAÇÃO

A política do Partido Comunista tem sido e será sempre uma política nacional.

Basta lembrar a sua acção, a sua orientação política, a dedicação e o sacrifício, muitas vezes, da própria vida dos seus militantes para ter a honra de dizer de que o Partido Comunista é um partido nacional que luta e lutará até à vitória pelo bem-estar do povo português, pela grandeza e prosperidade de Portugal.

O SALAZARISMO ASSOCIA-SE AO CORO «ANTICOMUNISTA»

Inspirado pela reacção mundial, o governo fascista de Salazar associa-se ao coro «anticomunista», intensificando a campanha contra a União Soviética e reforçando a repressão policial contra o Partido Comunista e outras forças amantes da Democracia.

Assim, o fascismo salazarista, incapaz de resolver os mais urgentes problemas nacionais, económicos e políticos, pretende fazer crer aos ingenuos e ao estrangei-

O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS, E A NAÇÃO

A política do Partido Comunista tem sido e será sempre uma política nacional.

Basta lembrar a sua acção, a sua orientação política, a dedicação e o sacrifício, muitas vezes, da própria vida dos seus militantes para ter a honra de dizer de que o Partido Comunista é um partido nacional que luta e lutará até à vitória pelo bem-estar do povo português, pela grandeza e prosperidade de Portugal.

PELA EXTINÇÃO DO TARRAFAL PELA LIBERTAÇÃO DE TODOS OS PRESOS POLÍTICOS E SOCIAIS

No Campo de Concentração do Tarrafal, continuam algumas dezenas de presos sujeitos a morrerem ali, se o povo, pela sua luta, não os arrancar antes, desse maldito campo de morte.

Através de várias lutas, o povo português tem lutado pela libertação desse maldito Campo, onde já perderam a vida algumas dezenas dos melhores combatentes antifascistas portugueses, entre os quais Bento Gonçalves, Secretário Geral do Partido Comunista Português; Mario Castelhan, dirigente anarquista; e Alfredo Chelera, membro do C. Central do Partido Comunista Português.

De 13 a 22 de Setembro, essas lutas culminaram numa campanha nacional **Pró Extinção do Tarrafal**. Campanha dirigida e avia a pelo novo Partido Comunista. No número anterior do «Avante!», destacamos o que foi essa campanha e o papel saliente que nela desempenharam, e têm desempenhado, várias organizações antifascistas. Hoje, queremos destacar, mais uma vez, o grande papel que nela desempenhou o Movimento de Unidade Nacional Antifascista (MUNAF) que fez publicar e distribuir por todo o país algumas dezenas de milhares de manifestos e cartazes com desenhos atípicos do Tarrafal, e aludindo a colgar carimbos e inscrições e o envio de centenas de cartas às autoridades lembrando a existência do Tarrafal e exigindo a sua Extinção.

A CONTINUAÇÃO DO TARRAFAL EXIGE QUE A LUTA PELA SUA EXTINÇÃO CONTINUE E SE ALARGUE

No Campo do Tarrafal estão

algumas dezenas de presos há já mais de 11 anos. Alguns destes, tais como Jaime Tiago e António Franco da Trindade, há mais de 15 anos que se encontram presos.

Outros, como João Rodrigues e José Viegas, já se encontram presos há mais de 13 anos. Outros ainda, como João Faria Burda, Fernando Vileite, Neves Amado, etc. (todos marinheiros), já se encontram presos há mais de 11 anos. Todos eles se encontram acarinados da saúde, consequência dos maus tratos, torturas físicas, má alimentação, trabalhos forçados, paulatino, dias sem conto, primeiro na «Poterna» e «Cadeias» de Angra do Heroísmo, e, depois na «Frigideira» do Campo do Tarrafal.

Outros, como Rodrigo Ramalho e Hermínio Martins, além de tudo encontram-se acangachados de morte certa, dado que contraíram na prisão doenças, que tanto o director como o médico do Campo reconhecem não poderem ser tratadas na ilha. Não obstante esta situação, os bandidos da PIDE, os ex capitães Lourenço e Catela a frente, recusam-se a autorizar a sua saída para o continente para serem tratados.

Com as penas terminadas há já mais de um ano encontram-se os seguintes presos: José Viegas, Tomás Aquino, Jaime Tiago, António Franco da Trindade, Américo Fernandes, Joaquim Duarte, Gato Pinto, Silvério Mateus, José Ramos e Custódio da Costa.

PORTUGUESESI Homens e mulheres de coração do nosso país! Pais, mães, esposas, irmãs, irmãos, **TODOS** os antifascistas e patriotas portugueses! Ao mesmo tempo que se impõe conti-

nuar a luta pela **EXTINÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL**, há que lutar também para que os presos que não podem ser tratados na ilha sejam autorizados a regressar imediatamente ao continente para que sejam tratados e curados. Para que serão tratados e curados, sem alívio de uma morte certa. Há que lutar para que os presos que foram internados nas suas penas, sejam imediatamente restituídos à liberdade exigindo, assim, que o governo cumpria as suas próprias leis.

Mas, não é só no Tarrafal que se encontram presos políticos. Eles encontram-se também nos **Ajuizes de Lisboa e Porto, nas Penitenciárias de Lisboa e Coimbra, em Caxias, em Peniche e no Hospital Júlio de Matos**. Estes presos, também são os nossos presos. Urge, portanto, lutar, em primeiro lugar, para que tenham um tratamento mais humano e, em segundo lugar, lutar sempre para que sejam restituídos à liberdade.

Ao mesmo tempo que a luta pela Extinção do Tarrafal deve continuar e alargar-se cada vez mais, há que lutar e lutar sempre pela libertação de todos os presos políticos e sociais que se encontram nas masmorras salazaristas.

Que o grito de **AMNISTIA! AMNISTIA! AMNISTIA!** corra Portugal de cá para lá.

Que em todos os muros, estradas alcatroadas, postos de correios, comboios, eléctricos, por todo o lado, apareça a palavra **EXTINÇÃO DO TARRAFAL** a par com a palavra **AMNISTIA!**

AS MANOBRAS DO IMPERIALISMO AMERICANO

Depois do fracasso da Conferência de Londres, cujos responsáveis (principalmente os Estados Unidos) apontados pelos órgãos franceses, por estarem em conjunto com o esboço de um Tratado de Paz em Viena, e a sua não ratificação, como principal arma de ataque contra a União Soviética, os Estados Unidos Democráticos e as forças democráticas e libertadoras que em todo o mundo se levitam contra a política expansionista do imperialismo americano.

Assim, apresentam-se, por um lado, os Estados Unidos como grandes beneficiários dispostos a fazer todos os sacrifícios para auxiliar o restabelecimento dos países que sofreram os efeitos da guerra, enquanto, por outro lado, se acusa a União Soviética e os comunistas de combaterem essa «ajuda» para impedirem que esses povos se reconstituam.

O presidente Truman, no seu discurso de 10 de Dezembro, foi bem claro a este respeito, quando disse: «Não devemos fechar os olhos ao facto de que os comunistas anunciaram a sua oposição decidida a qualquer esforço para se auxiliar a Europa a pôr-se novamente de pé. Ora, o problema, posto desta forma, é o que há de mais falso e por isso se torna necessário o seu esclarecimento, para que muitos não sejam fadados quanto ao seu verdadeiro significado».

PORQUE É QUE A UNIÃO SOVIÉTICA E OS COMUNISTAS COMBATEM O PLANO MARSHALL?

A reacção e o combate que a União Soviética e os comunistas vêm apresentando contra o plano Marshall, e porque é e não representa — de facto — o auxílio que esses países precisam, mas sim porque os Estados Unidos procuram aproveitar-se da situação, em que esses povos se encontram para melhor os poderem explorar e dominar política e economicamente. O que os Estados Unidos procuram atingir com essa ajuda é alargar os seus meios de expansão exterior, procurando através desses créditos levar por diante a sua política de domínio mundial, o que é incompatível com o respeito e soberania das outras nações.

As afirmações feitas diariamente pelos actuais dirigentes americanos demonstram categoricamente que esse auxílio não é desinteressado, mas sim que exige a subordinação dessas nações à influência dos Estados Unidos.

Vejamos algumas dessas afirmações. No seu discurso de 10 de Novembro perante as comissões parlamentares de outros países citou o seguinte: que o seu governo decidira acordos bilaterais com as nações que fossem auxiliadas, e esses acordos — segundo ele — deviam incluir compromissos e adopção de medidas monetárias, fiscais, produtivas, redução de barreiras, in-ostas, no comércio, estabilidade de preços, etc. Segundo Marshall, a execução destes acordos devia ser fiscalizada (ver bem: «ensalazarista») por intermédio de embaixadas, legações, etc. estabelecidas para tal fim. Por outro lado, Roberto Lovett, secretário do Estado, a 4 de Dezembro afirmou que os países que recebessem auxílio seriam obrigados a aceitar e a distribuir sob condições específicas, e se quaisquer dessas condições não fossem cumpridas o auxílio seria cortado. Por sua vez, o presidente Truman no seu discurso ao Congresso, a 19 de Dezembro, nos 10 pontos que estabelece como condição para o auxílio ser prestado, encontram-se dois, o nono e o décimo, em que se flecta no 9.º — que se suspenda o auxílio aos países que não cumprirem uma série de princípios rígidos, e no 10.º — que se obrigam (gotar bem: «ensalazarista») os países a depositar os lucros em deveduras das vendas de mercadorias do plano Marshall num fundo que será utilizado, sob a direcção parcial dos Estados Unidos. O sublinhado é nosso. Por outro lado, uma das condições impostas aos países que venham a ser auxiliados é a produção de matérias primas específicas e facilitar a sua aquisição aos Estados Unidos para que estes estabeleçam reservas.

Como se vê, os países auxiliados ficarão sujeitos, com tais medidas, a uma interferência e fiscalização pelos EE.UU. em toda a sua vida económica não podendo produzir o que esteja de acordo com o seu desenvolvimento económico e bem estar do seu povo, mas sim segundo os interesses da economia e dos monopólios americanos.

A aceitação de tais condições impostas pelos Estados Unidos seria por conseguinte, a subordinação económica, pura e simples, dessas nações aos interesses americanos. Temos exemplos já bastante concretos no caso da Grécia, Turquia, China, etc., que nos mostram o que significa essa fiscalização na execução dos acordos. Tais condições só poderão ser aceites por regimes reacçãoários antipopulares, que precisam do apoio exterior para se puderem manter no poder e que estão dispostos a vender o país, se preciso for, mas nunca a por regimes que defendam os interesses dos seus povos e o progresso e a liberdade de suas nações.

As Proximas Eleições Sindicais

Em princípios de 1948, o operariado português — segundo as leis do regime salazarista — volta a ter a oportunidade de escolher os seus dirigentes sindicais.

Durante muito tempo uma grande parte dos trabalhadores manteve e ainda hoje em menor nº continua a manter pouco interesse pela vida dos sindicatos actuais, não reconhecendo o que eles podem representar — mesmo assim — para a defesa dos seus interesses, como escola para a educação das massas e como arma para denunciar o carácter fascista antidemocrático do salazarismo.

Ora, este desinteresse e incompreensão são motivados, em grande parte, pelo desconhecimento que os trabalhadores, na sua maioria, têm da força que esses organismos representam.

Será portanto bom apresentar aqui alguns números que poderão esclarecer algumas dessas incompreensões segundo a estatística da Organização Corporativa existiam, em 1943, no Continente e Ilhas 308 Sindicatos Nacionais com 470.637 sócios. No continente pertenciam 208 destes sindicatos com o número de 155.188 sócios. Sendo o número de profissionais inscritos nesse ano, segundo a mesma estatística, de 629.329 trabalhadores. Isto quer dizer que, 75 por cento aproximadamente do operariado português faz parte dos sindicatos actuais, mesmo que grande parte destes seja contra a sua vontade. Segundo ainda a mesma estatística, as receitas de todos os sindicatos atingiram, em 1945, 23.204 contos e as suas despesas 21.639 contos. Destas despesas apenas foram gastos com assistência e fins educativos e recreativos 6.372 contos, enquanto que com pessoal, instalações, expediente e outras foram gastos 15.267 contos.

Se esses trabalhadores, analisassem, à base destes números, o que pode ser feito com esses 470 mil trabalhadores organizados uma vez bem orientados e atendessem ao bom emprego desses milhares de contos que até aqui têm sido em grande parte desperdiçados, estavam certos que não haveria nenhum deles que se deixasse oprimir e honesto, disposto a defender os seus interesses e os de sua classe, que não se interessasse pelas próximas eleições sindicais.

Os Sindicatos Nacionais foram impostos aos trabalhadores portugueses pelo regime fascista de Salazar. Pois bem: saibam os trabalhadores portugueses transformá-los em organismos de sua própria desza. E um dos primeiros passos a ser dado para atingir este objectivo, será a eleição de direcções honestas compostas com os elementos mais combativos dispostos a defenderem os trabalhadores. Saibamos pois trabalhar neste sentido.

Que em toda a indústria, em toda a fábrica, em toda a oficina e em todo o local de trabalho se organizem Comissões Sindicais de Unidade, onde participem as mais variadas tendências políticas e orçãs religiosas, que tenham como fim escolher estes trabalhadores a trabalhar pela sua eleição.

As palavras de ordem em toda a fábrica, oficina ou local de trabalho devem ser:

Escolha dos melhores trabalhadores para a constituição das novas direcções sindicais e luta pela sua eleição.

Nem mais uma eleição de qualquer local do fascismo salazarista.

O malogro da Conferência de Londres

Por uma Alemanha Unida e Democrática

A unificação política e económica da Alemanha assente sobre bases democráticas constitui indispensável para a construção de uma paz sólida na Europa e no mundo. A esta política opõem-se desastrosamente os imperialistas anglo-americanos, apinhados agora pelo seu parceiro mais novo, a França.

A União Soviética, a única grande potência que, nos seus compromissos tomados em Yalta e Potsdam, defende efectivamente uma política democrática para a Alemanha. As suas propostas não se sentiu, as outras três potências ocidentais responderam inventivamente com a recusa, recusando-se mesmo a discutir a possibilidade que a União Soviética se mistione sempre disposta a discutir as propostas das outras três potências.

Como o sabido, Marshall depois de ter concordado em princípio com as propostas soviéticas, desdisse-se vergulhosamente, tomando para cá a direcção de uma política de sabotagem à Conferência logo seguida obviamente pelos seus parceiros anglo-americanos. Desta forma, o êxito se a que se chegassem a qualquer acordo restritivo. Se a União Soviética procurou, por todos os meios, fazer com que fossem cumpridas as decisões de Potsdam.

Hoje, está claro para todos os que acompanham honestamente o desenrolar dos acontecimentos internacionais que as três potências ocidentais não foram para a Conferência de Londres com o objectivo sincero de se chegar a um acordo sobre os tratados de Paz com a Alemanha e a Austria.

O Oriente e o Ocidente) e as Democracias da Europa Oriental, contra a democracia na Europa e de se assegurarem de um largo mercado para os seus produtos exportáveis.

A indústria da paz alemã atingiu somente as zonas ocidentais 35% do nível de 1938, enquanto que na zona soviética, em condições bem mais difíceis, atingiu 70%.

Segundo o acordo de Potsdam a Reforma Agrária deveria estar completada em todas as zonas de ocupação até fins de 1947. Que venha nos? Somente na zona soviética ela se fez, enquanto nas zonas ocidentais os grandes proprietários que auxiliavam fortemente os nazis, continuam detidos das terras.

As democracias para as potências ocidentais é a democracia da lei de Huché, a lei anti-operária de Thälmann (que agora se quer impor em todo o mundo, como parte dos livros dos empréstimos de dólares), e a lei nos tribunais e bases incoerentes contra os sovietas, a lei da chamada "lealdade à América" em que mais de 78 organizações progressistas, não perseguidas e os comunistas e todos os que a eles estiverem de uma forma ou outra ligados, ameaçados de serem privados do seu direito de voto, e a imposição ao povo alemão de um governo fascista de tipo hitleriano. Esta é a democracia que os imperialistas americanos querem impor à Europa e ao Mundo.

Com estranhar, pois que a União Soviética, fiel à sua tradicional política de paz e de progresso, lute sem desfalque contra tal concepção de democracia.

As reparações exigidas pela União Soviética, são terminantemente rejeitadas pelos anglo-americanos. Esta foi mesmo a razão fundamental apresentada para o rompimento da Conferência. Rejeitam que da produção alemã não possam sair reparações porque isso significaria ter que continuar a sustentar milhões de dólares para alimentarem os aliados, etc.

A isto responde Molotov declarando que se a produção industrial das zonas ocidentais fosse elevada do nível existente de 35% para 70%, a partir de 1938, 100% dessa produção poderia ser utilizada para reparações. Isso, Junon Molotov, poderia solucionar o problema. O que não é feito não acontece. Os americanos, porque se não deixarem tudo no pólo mercado para os seus produtos.

A União Soviética rejeita a Alemanha 10 milhões de dólares de reparações quando os prejuízos causados pelos bandidos hitlerianos atingem a soma de 128 bilhões. Os alemães destroem ou incendiam, total ou parcialmente, em território soviético: 23.000 aldeias no total de 6 milhões de imóveis; na altura da libertação 25 milhões de pessoas estavam sem casa; 34.850 empresas industriais, 4.000 centros, 65.000 quilómetros de linhas férreas; 3.000 pontes de estrada; 81.000 quilómetros

A LUTA NA CHINA

Durante algum tempo os jornais e a rádio soviéticos, não se ocuparam de falar nas ofensivas vitórias das tropas do revolucionário e traidor Chang Kai Chek contra os Exércitos da China Democrática. As derrotas destes sucediam-se, as perdas eram enormes, etc., etc. De repente os jornais e a rádio emudeceram. O que teria sucedido? Teria deixado de existir o último homem dos Exércitos da China Democrática? Não, nada disso.

O que sucedeu foi somente isto: Para atacar os exércitos do Chang Kai Chek, precisava-se de mil homens. Várias divisões destruídas, 113 mil espingardas, 8.000 metralhadoras, 600 lança-chamas e minas e algumas centenas de canhões. Além disto muitas localidades foram tomadas pelos Exércitos da China Democrática. E tudo isto, apesar do auxílio desatendido que os imperialistas americanos estão prestado a Chang Kai Chek.

AOS LEITORES DO «AVANTE!»

A renovação mundial está, através da sua imprensa, rádio e outros meios de acção e propaganda, convencendo a opinião pública mundial com falsas notícias, calúnias e chantagens no sentido de criar um ambiente propício a uma nova guerra e esmagar as forças da Democracia.

Esta acção de reacção necessita de ser combatida por toda a parte por meio de uma acção e propaganda que esclareça o povo e lhe mostre a verdade.

O «Avante!», órgão central do Partido Comunista Português, vem cumprindo com honra esta missão. Mas a sua acção está muito restringida, por um lado, por falta de recursos financeiros que lhe permitam o melhoramento do seu aparelho técnico. Por outro lado, por ser um jornal clandestino e sofrer riscos a sua duração.

Mas vencer nestes obstáculos é intrasponível. Quer um quer outro serão vencidos. Basta que os nossos leitores se disponham a isso.

Institucional, pois, o vosso auxílio financeiro é vital ao «Avante!» a toda a parte. Que nenhum recato do nosso país lance um olhar ao que diz o «Avante!» — o grande defensor do povo português.

Para melhorarmos a nossa acção e propaganda são precisos grandes recursos financeiros. Esses recursos, só os leitores do «Avante!», todos os comunistas, simpatizantes e amigos do Partido e da Democracia os podem fornecer.

Multidão, portanto, a vossa ajuda à imprensa do Partido!

Quantias recebidas dos Amigos do Partido

Camar. 1.000.000	Novo. 1.000.000	Novo. 1.000.000	Novo. 1.000.000
Consumo 42.000	Idem 42.000	Idem 42.000	Idem 42.000
Costeiras 1.000	Idem 1.000	Idem 1.000	Idem 1.000
Verne. 2.000	Idem 2.000	Idem 2.000	Idem 2.000
Idem 3.000	Idem 3.000	Idem 3.000	Idem 3.000
Idem 4.000	Idem 4.000	Idem 4.000	Idem 4.000
Idem 5.000	Idem 5.000	Idem 5.000	Idem 5.000
Idem 6.000	Idem 6.000	Idem 6.000	Idem 6.000
Idem 7.000	Idem 7.000	Idem 7.000	Idem 7.000
Idem 8.000	Idem 8.000	Idem 8.000	Idem 8.000
Idem 9.000	Idem 9.000	Idem 9.000	Idem 9.000
Idem 10.000	Idem 10.000	Idem 10.000	Idem 10.000
Idem 11.000	Idem 11.000	Idem 11.000	Idem 11.000
Idem 12.000	Idem 12.000	Idem 12.000	Idem 12.000
Idem 13.000	Idem 13.000	Idem 13.000	Idem 13.000
Idem 14.000	Idem 14.000	Idem 14.000	Idem 14.000
Idem 15.000	Idem 15.000	Idem 15.000	Idem 15.000
Idem 16.000	Idem 16.000	Idem 16.000	Idem 16.000
Idem 17.000	Idem 17.000	Idem 17.000	Idem 17.000
Idem 18.000	Idem 18.000	Idem 18.000	Idem 18.000
Idem 19.000	Idem 19.000	Idem 19.000	Idem 19.000
Idem 20.000	Idem 20.000	Idem 20.000	Idem 20.000
Idem 21.000	Idem 21.000	Idem 21.000	Idem 21.000
Idem 22.000	Idem 22.000	Idem 22.000	Idem 22.000
Idem 23.000	Idem 23.000	Idem 23.000	Idem 23.000
Idem 24.000	Idem 24.000	Idem 24.000	Idem 24.000
Idem 25.000	Idem 25.000	Idem 25.000	Idem 25.000
Idem 26.000	Idem 26.000	Idem 26.000	Idem 26.000
Idem 27.000	Idem 27.000	Idem 27.000	Idem 27.000
Idem 28.000	Idem 28.000	Idem 28.000	Idem 28.000
Idem 29.000	Idem 29.000	Idem 29.000	Idem 29.000
Idem 30.000	Idem 30.000	Idem 30.000	Idem 30.000
Idem 31.000	Idem 31.000	Idem 31.000	Idem 31.000
Idem 32.000	Idem 32.000	Idem 32.000	Idem 32.000
Idem 33.000	Idem 33.000	Idem 33.000	Idem 33.000
Idem 34.000	Idem 34.000	Idem 34.000	Idem 34.000
Idem 35.000	Idem 35.000	Idem 35.000	Idem 35.000
Idem 36.000	Idem 36.000	Idem 36.000	Idem 36.000
Idem 37.000	Idem 37.000	Idem 37.000	Idem 37.000
Idem 38.000	Idem 38.000	Idem 38.000	Idem 38.000
Idem 39.000	Idem 39.000	Idem 39.000	Idem 39.000
Idem 40.000	Idem 40.000	Idem 40.000	Idem 40.000
Idem 41.000	Idem 41.000	Idem 41.000	Idem 41.000
Idem 42.000	Idem 42.000	Idem 42.000	Idem 42.000
Idem 43.000	Idem 43.000	Idem 43.000	Idem 43.000
Idem 44.000	Idem 44.000	Idem 44.000	Idem 44.000
Idem 45.000	Idem 45.000	Idem 45.000	Idem 45.000
Idem 46.000	Idem 46.000	Idem 46.000	Idem 46.000
Idem 47.000	Idem 47.000	Idem 47.000	Idem 47.000
Idem 48.000	Idem 48.000	Idem 48.000	Idem 48.000
Idem 49.000	Idem 49.000	Idem 49.000	Idem 49.000
Idem 50.000	Idem 50.000	Idem 50.000	Idem 50.000
Idem 51.000	Idem 51.000	Idem 51.000	Idem 51.000
Idem 52.000	Idem 52.000	Idem 52.000	Idem 52.000
Idem 53.000	Idem 53.000	Idem 53.000	Idem 53.000
Idem 54.000	Idem 54.000	Idem 54.000	Idem 54.000
Idem 55.000	Idem 55.000	Idem 55.000	Idem 55.000
Idem 56.000	Idem 56.000	Idem 56.000	Idem 56.000
Idem 57.000	Idem 57.000	Idem 57.000	Idem 57.000
Idem 58.000	Idem 58.000	Idem 58.000	Idem 58.000
Idem 59.000	Idem 59.000	Idem 59.000	Idem 59.000
Idem 60.000	Idem 60.000	Idem 60.000	Idem 60.000
Idem 61.000	Idem 61.000	Idem 61.000	Idem 61.000
Idem 62.000	Idem 62.000	Idem 62.000	Idem 62.000
Idem 63.000	Idem 63.000	Idem 63.000	Idem 63.000
Idem 64.000	Idem 64.000	Idem 64.000	Idem 64.000
Idem 65.000	Idem 65.000	Idem 65.000	Idem 65.000
Idem 66.000	Idem 66.000	Idem 66.000	Idem 66.000
Idem 67.000	Idem 67.000	Idem 67.000	Idem 67.000
Idem 68.000	Idem 68.000	Idem 68.000	Idem 68.000
Idem 69.000	Idem 69.000	Idem 69.000	Idem 69.000
Idem 70.000	Idem 70.000	Idem 70.000	Idem 70.000
Idem 71.000	Idem 71.000	Idem 71.000	Idem 71.000
Idem 72.000	Idem 72.000	Idem 72.000	Idem 72.000
Idem 73.000	Idem 73.000	Idem 73.000	Idem 73.000
Idem 74.000	Idem 74.000	Idem 74.000	Idem 74.000
Idem 75.000	Idem 75.000	Idem 75.000	Idem 75.000
Idem 76.000	Idem 76.000	Idem 76.000	Idem 76.000
Idem 77.000	Idem 77.000	Idem 77.000	Idem 77.000
Idem 78.000	Idem 78.000	Idem 78.000	Idem 78.000
Idem 79.000	Idem 79.000	Idem 79.000	Idem 79.000
Idem 80.000	Idem 80.000	Idem 80.000	Idem 80.000
Idem 81.000	Idem 81.000	Idem 81.000	Idem 81.000
Idem 82.000	Idem 82.000	Idem 82.000	Idem 82.000
Idem 83.000	Idem 83.000	Idem 83.000	Idem 83.000
Idem 84.000	Idem 84.000	Idem 84.000	Idem 84.000
Idem 85.000	Idem 85.000	Idem 85.000	Idem 85.000
Idem 86.000	Idem 86.000	Idem 86.000	Idem 86.000
Idem 87.000	Idem 87.000	Idem 87.000	Idem 87.000
Idem 88.000	Idem 88.000	Idem 88.000	Idem 88.000
Idem 89.000	Idem 89.000	Idem 89.000	Idem 89.000
Idem 90.000	Idem 90.000	Idem 90.000	Idem 90.000
Idem 91.000	Idem 91.000	Idem 91.000	Idem 91.000
Idem 92.000	Idem 92.000	Idem 92.000	Idem 92.000
Idem 93.000	Idem 93.000	Idem 93.000	Idem 93.000
Idem 94.000	Idem 94.000	Idem 94.000	Idem 94.000
Idem 95.000	Idem 95.000	Idem 95.000	Idem 95.000
Idem 96.000	Idem 96.000	Idem 96.000	Idem 96.000
Idem 97.000	Idem 97.000	Idem 97.000	Idem 97.000
Idem 98.000	Idem 98.000	Idem 98.000	Idem 98.000
Idem 99.000	Idem 99.000	Idem 99.000	Idem 99.000
Idem 100.000	Idem 100.000	Idem 100.000	Idem 100.000

RÁDIO MOSCOVO

todos os dias às 23 horas, nas ondas de 25 metros e 31m, em português.

Quem poderá negar que o Partido Comunista dedica toda a sua actividade, e consagra todos os seus esforços, e energias na defesa dos interesses do povo em Portugal?

Quem poderá negar o espírito de sacrifício dos comunistas em sua luta por melhorar a situação económica e cultural do povo português e por lutar por um Portugal livre e independente?

Quem poderá negar a justa e necessária política do Partido Comunista contra o corporativismo que arruina o país, lutando contra o obscurantismo e a miséria, contra os perseguidores e o terror dos grades ditos económicos e a podridão fascista de Salazar, defendendo e empunhando sempre pelos interesses do povo e da pátria?

Quem mais que o Partido Comunista luta contra a política de compromisso do salazarismo com o fascismo internacional, contra a intervenção em Espanha, contra o apoio a Hitler e contra a humilhação da entrega da Timor?

Finalmente, quem poderá negar que foi o Partido Comunista o principal obreiro da Unidade Nacional que vai ganhando terreno e vai sendo reconhecida pelos sectores antifascistas como o caminho mais justo para fazer baquear o salazarismo e conquistar a Democracia?

Negar estas coisas, sem negar a própria Democracia.

A esta do Partido Comunista o Partido Comunista é

O PARTIDO É A NAÇÃO (da pag. 1)

Uma força de primeira grandez na luta contra o regime vigente de Salazar, amanhã o será na reconstrução do Portugal livre e independente. Não é possível haver uma autêntica Democracia no nosso país, desconhecendo a força do Partido Comunista e sobretudo a luta contra ele.

O Partido Comunista, seja sozinho ou profundamente unido às classes operárias, nos camponeses, nos intelectuais progressivos, nas massas trabalhadoras em geral do país, é pois, uma realidade nacional.

Se o carácter nacional do Partido Comunista não concordar com os princípios do internacionalismo proletário é porque o interesse do nosso país está na exportação de outros povos, mas no estabelecimento de relações mais elevadas entre os povos e na cooperação entre os povos para a construção de um Bem-Estar da Humanidade.

E põs pela felicidade do povo português, em particular, e pela paz e bem-estar da humanidade, em geral, que o Partido Comunista deseja um Portugal rico e próspero, pelo progresso das ciências, das artes, da cultura, e pela prática de uma legislação só e humana, garantia dos direitos económicos, e pela unidade da comunidade portuguesa.

O que deseja o Partido Comunista?

As liberdades

Para isso, o Partido Comunista deseja e luta para que a classe operária seja protegida por uma justa legislação social, traduzida em factos, que lhe proporcione uma vida culta e humana.

O Partido Comunista deseja que os camponeses vivam atarefados por possuírem a terra que trabalham, por verem o produto do seu trabalho, traduzido numa vida de nível cada vez mais elevado e que se firmem solidários dos homens desfavorecidos, das mães, dos intelectuais.

O Partido Comunista deseja que os intelectuais sejam protegidos e estimulados com vista a desenvolver a sua iniciativa e a sua capacidade criadora, postos ao serviço do povo.

O Partido Comunista deseja que o analfabeto, o comerciante modesto, o pequeno proprietário ou o pequeno produtor não seja vítima do futuro sem medo e para o presente com a ameaça de se verem num país dano e regressivo.

O Partido Comunista deseja que a mulher seja respeitada, que goze de direitos iguais aos do homem e ocupe o seu devido lugar na sociedade e deseja que a criança seja devidamente protegida e recebida numa adequada assistência social.

O Partido Comunista deseja um Portugal de alto nível industrial e agrícola, em de poder atender, folgadamente, às necessidades do povo português.

Em suma, o Partido Comunista deseja a liberdade, a justiça, a paz, a prosperidade, a cultura, a unidade da comunidade portuguesa.

DEFENDAMOS O AVANTE!

O «Avante!» é filho de muitos vilas em seces.

AO PARTIDO

CLASSE TRABALHADORA, a causa da DEMOCRACIA, a grande causa do POVO e do PAÍS.

Sustentamos, defendemos, «AVANTE!»

Melhorem o seu aparelho de luta.

Melhorem o trabalho cooperativo!

Sabemos manter bem alto a VOZ DO P. C. P.

EM TODA A PARTE

Nas fábricas, empresas, escritórios, lojas, bares, construções, escolas, etc.

Jornal legalmente com homens e mulheres de todas as tendências.

COMISSÕES DE UNIDADE para defesa das reivindicações imediatas.

COMISSÕES SINDICAIS para orientar a acção nos S.N.

COMISSÕES DO M.U.D. para lutar as lutas e pela liberdade da imprensa.